

# CRÍTICA

«Vila Branca», de Garibaldi de Andrade  
Editorial Inquérito — Lisboa

«Monsanto, Terra de Sonho», de Antunes de Paiva  
Parceria A. M. Pereira — Lisboa 1944

«Greis», de Manuel Ferreira  
Edição do autor. 1944

«Selomé» e o «leque de Lady Windermere», de Óscar Wilde  
Editorial Glebe — Lisboa

**1** Pelo facto do conto não ter sido entre nós, um acidente na evolução das letras, seria erróneo concluir-se que já tenha a sua história. Na verdade à parte alguns fenómenos autenticamente esporádicos: Rebelo da Silva, Eça, Fialho, ... — o conto não tem *passado*, e no presente vive de algumas (poucas) personalidades fortes como António Madeira, Miguel Torga e outros.

Isto, longe de pessimismos derrotistas, é sintoma de inferioridade intelectual, porque é sabido que o conto, um tanto pelo «imediatismo» de que vem revestido como pela sua natureza acidentalmente sintética — «acidentalmente» e não «condicionalmente» —, o conto exige uma preparação literária da parte do público, muito maior que a requerida por outros géneros, como por exemplo o romance e o teatro.

Hoje, porém, que em Portugal a literatura de ficção, embora ainda em efervescente desenvolvimento, estaciona entre grandes valores da sua abscissa, devido, em grande parte, às influências estrangeiras expressas por uma notória atenção sobre o cuidado e apresentação das traduções e antologias que diària vêm completar o mercado livresco, o conto parece ter encontrado um ambiente que lhe é simpático.

Países há como os U. S. A. e a Inglaterra, onde este difícil ramo da literatura, adquiriu foros do exclusivismo primacial; os seus cultores são inúmeros e foi sem dúvida graças aos seus esforços que, entre nós, o conto começou a ser encarado de acôrdo com a importância que lhe é devida. Disse «começar» e suponho que não podia ter dito melhor, porque o público português, se bem que emancipado de certos atritos que lhe afectavam a actividade cultural, só muito superficialmente conhece Huxley, H. J. Wells, Galsworthy, Virginia Woolf, D. H. Lawrence, e quasi ignora os contos tão verdadeiros de Somerset Maugham, de James Barrie ou de Paul Wren.

Apesar de tudo, e atendendo às razões já enunciadas, o conto pode dizer-se que despertou na literatura nacional. Descobriram-se-lhe horizontes, planos e perspectivas. E os nossos escritores contemporâneos vêm-lhe dedicando o melhor dos seus esforços.

**2** É curioso notar, que é geralmente o conto, o género preferido pelos novos dos nossos dias para se estrear nas letras.

O facto é aliás compreensível não só devido ao carácter estruturalmente simplista do conto, pelo que requiere menos fôlego, como pelas afinidades que tem com a poesia — falamos do conto *moderno* e *actual* — e até, em causa última, porque é para o estreador, ensaio de maiores amplitudes.

GARIBALDINO DE ANDRADE é um exemplo do que acabo de afirmar. A sua «VILA BRANCA» é bem uma estreia.

«Vila Branca» não é tudo quanto nos pode dar Garibaldi de Andrade. Ao lerem-se as suas páginas servidas por um estilo difícil, que, sem ser de todo pessoal não deixa de estar admiravelmente definido, tem-se a impressão de que o autor é capaz de muito mais.

Por isso, «Vila Branca» é apenas uma estreia. Uma estreia que definiu Garibaldi de Andrade como um estilista de valor, onde a afirmação formal se emiscui a todo o passo com o substractum poético.

É que há poesia trágicamente alentejana nos seus contos, uma poesia que está nas palavras, nas paisagens e nas personagens, de um modo geral bem desenhadas, do seu livro.

Este predicado teve uma influência de maior no valor intrínseco da obra pois veio em auxílio das qualidades transparentes de que o autor dispôs para fazer dos seus trabalhos verdadeiros contos, no que respeita à compreensão literária do termo.

Mas se por um lado lucrou com esse influxo lírico, por outro, é pernicioso, porque se Garibaldi de Andrade conseguiu dar ao seu livro um sentido estético elevado, o valor literário do mesmo muito se ressentiu dis-o, pois a tal acontecimento é mister que se atribua também o abuso enfadonho que faz da descrição dos meios e a repetição obstinada de certas imagens e similitudes paisagísticas que por isso mesmo se tornam monótonas.

Este é um dos erros comuns a grande parte da nossa literatura regionalista: um desequilíbrio entre a acção e o ambiente com predominância deste último. Não é este erro característico dos contos «A Morte do Maltez», «Mari Falséria» e outros?

Os temas enfermam pela futilidade psicológica, não pela sua banalidade de acção ou pela trivialidade do enredo. Não: O mal está na fraquíssima densidade psicológica das figuras na falta de «intensão psicológica» dos diálogos.

Por outro lado, a estruturação técnica dos contos também não satisfaz o autor mostra-se indeciso, o que não será para admirar, e, acima de tudo, desequilibrado na construção dos argumentos.

Por vezes, nota-se a sua inclinação para um determinado género técnico, como logo dos primeiros contos — a acção vivendo pela recordação duma figura central — mas, pretendendo mudar da técnica usada, por espaços apenas, volta a servir-se dela e aí temos uma monotonia construtiva que vem muito ao contrário do que seria de desejar por se tratar particularmente duma estreia e de um livro de contos onde o autor desejaria pôr à prova as suas múltiplas qualidades. É certo que desta homogeneidade de construção há algumas e raras excepções, mas elas apenas se converteram numa desvalorização dos contos em questão. Fora destes reparos — futilidade psicológica e fraca orientação construtiva — está o conto «A semente cai na Terra», o mais perfeito do livro, com uma observação límpida e um volume psicológico elevado. Só por si acredita o autor e é suficiente para nos deixar uma impressão do forte e espontâneo poder do mesmo. Garibaldi de Andrade não descarta a correspondência biunívoca que há entre o indivíduo e o meio; nos seus contos há uma preocupação constante em pôr, ora o homem como função da sociedade, ora em caracterisar o ambiente pela influência individual. Isto veio dar ao seu livro uma forte tonalidade social, um frêmito humano que o torna actual.

Aparte algumas observações indicadas, «Vila Branca» é, pois, um livro de fundamento estético, onde há qualidades inalienáveis, valores que muito bem sublinham algumas páginas felizes.

Mas «Vila Branca» é, antes e acima de tudo, o preságio dum novo livro. Do livro de contos de Garibaldi de Andrade.

O conto, bem o sei, é um sector literário de cuja definição se tem abusado e deturpado a significação. É o caso de ANTUNES DE PAIVA com o seu livro «MONSANTO, TERRA DE SONHO».

Este livro que não vale como exemplo regionalista, sem ter ambições monográficas ou étnicas, não poderá ser tratado como livro de contos. Há nisto até, uma tentativa de torsão literária por parte do autor.

Sendo despida de actualidade, também não é uma obra do passado. Muito menos de renovação literária. É um livro onde se descrevem razoavelmente (...) paisagens — mais um exemplo a acrescentar ao erro atrás apontado — com desprezo evidente pelos dramas das consciências ou sociais.

O homem nele está abaixo da natureza, não porque o Sr. Antunes de Paiva assim o desejasse para exteriorizar determinadas tendências, mas somente porque nele o homem não vive.

Como poderia fazer-se um conto sem conflitos psicológicos, sem uma aragem romântica, sem um toque ligeiro de realismo?

Os personagens de «Monsanto, Terra de Sonho» são atirados para o livro mal movidos pelo autor; daí a falta de autonomia na sua vida, do que nem sequer o escritor soube tirar partido, dominando ele próprio a narração. As narrativas não têm seqüência. Têm, sim, muitos cordelinhos, por vezes agitando temas pueris, como por exemplo, «Rumos Diferentes».

Tem-se a impressão, ao ler este livro, de que o seu sentido não está concorde com o do autor:

«Monsanto, Terra de Sonho» pertenceria, na opinião de Antunes de Paiva, à categoria dos livros regionalistas como tudo leva a crer. Mas Antunes de Paiva só é regionalista pela paisagem, uma paisagem esmiuçadamente descrita, e embora com facilidade, sem que o pormenor a revista de maior interesse artístico. Ao contrário do que seria de exigir, o escritor em questão fala da terra como um estrangeiro e afasta-se da plebe pela construção e pelo estilo.

Já atrás se aludiu à função do meio no indivíduo e à correspondência que existe entre estes dois elementos.

Com efeito, o homem só é verdadeiramente humano quando entregue à sociedade reunida num complexo unitário; só assim é possível individualizá-lo.

Ora este assunto, que já não é novo mas que é sempre actual, no dizer de Höfding, parece ser do completo desconhecimento do Sr. Antunes de Paiva, que pelo seu livro não nos legou mais que a impressão duma frustada tentativa literária. Nem sequer o efeito duma primícia, porque efectivamente o não é.

E, em parte, porque desconhece por completo esta influência mútua, os «contos» de Antunes de Paiva, não têm densidade de acção nem movimento psicológico e, em última análise, falta de actualidade. Por vezes há neles um humor vagamente romântico que o autor não consegue dosear e equilibrar até ao fim. Os assuntos são de almanaque («Oiro na Lama»), por vezes irrisórios («Recompensa») e alguns (poucos) repassados duma melancolia razoável que muito os dignificaria se não tivessem contra eles o diálogo desequilibrado, apesar de fácil e até espontâneo.

Antunes de Paiva anuncia um novo livro. É possível que ilibado por estas e outras análogas considerações dos erros da sua obra presente, o seu futuro livro venha a possuir aquelas qualidades sem as quais é impossível escrever-se um livro de contos suficiente, sem risco de o vermos malgrado em pretensioso histrionismo literário.

Quando atribuo aos personagens do «Monsanto, Terra de Sonho» e de certa maneira aos de «Vila Branca» também, carência evidente de acção psicológica, não pretendo insinuar que o conto viva apenas de subjectivismos exagerados.

Não é necessário que se concebam as figuras, não como simples floreações arbitrarias, mas correlacionadas com certas características da obra e

amparadas por certos valores estéticos imprescindíveis. Quero dizer : as figuras não podem ser alheias à acção, mas esta acção tem que vir revestida duma unidade psicológica; o diálogo deve interpretar com clareza os conflitos dos sentimentos dos personagens se quisermos abstrair-nos das referidas concepções subjectivista - e o estilo deve manter estreita relação com o meio ou com o aspecto dos assuntos.

Ora isto não passou de todo despercebido a MANUEL FERREIRA.

Os contos de «GREI» vivem mais pelo diálogo e pela acção do que pelo descritivo indirecto, e isto, longe de afastar a narrativa do domínio psicológico, melhor o caracteriza porque estabelece-se assim uma relação entre o ambiente e o homem, entre a consciência e o movimento dos personagens.

Em parte, por esta razão e também pela directriz levemente ideológica do trabalho, o livro tem finalidades e interesse actual. Pena é que as suas figuras não tenham uma presença definida, e que o escritor ponha em evidência certa pretensão «generalizadora» que não quadra bem a este género literário.

O conto deve ter uma figura em destaque, ou melhor uma *descrição* atrás da qual se movem os outros elementos.

E Manuel Ferreira traía este facto; no seu livro chegamos, por isso, a julgar que os contos são capítulos dispersos dum diário.

É possível que, com a repetição das próprias figuras dos diferentes contos -- Zé das Pranchas, Capado, Picão -- o autor pretendesse dar ao leitor uma sensação mais forte do *vivido* que porventura nêles exista.

Mas isso seria paradoxal uma vez que Manuel Ferreira chamou a «Grei», «um livro de contos». Teríamos novelas em miniatura, que não contos. Por isso uma certa unidade temática e de personagens no trabalho. Por isso a indicação de Manuel Ferreira como romancista ou novelista, se atentarmos ao impressionismo dos retratos, à frescura e exuberância de diálogos, à originalidade dos assuntos e até no sentido ideológico dalguns temas como o conto final, «O sino tocou a rebate».

Ficamos, pois aguardando o futuro romance de Manuel Ferreira, «A Vida é maior que o Mundo» que se fôr animado por aquela observação psicológica que o autor mostrou em «A Festa» e «Zé dos Pranchas» nos dará a certeza dum bom romance.

## Traduções:

3

*«divino Enigma;  
que yo hice descifrar y desflorar por los lábios sapientes del Profeta;  
trémulos de la mas apasionada de las eloqüências;  
la Eloqüência del Beso*

.....  
*...y entrego a la Princesa Salomé, a las caricias del Profeta»;*

VARGAS VILA

...às carícias do Profeta e à deliciosa ironia de Wilde, poderia acrescentar-se.

«Os temas sumptuosos das figuras bíblicas tem tentado os grandes poetas» disse Vargas Vila. E na realidade, Salomé sendo das mais originaes figuras da Bíblia, só poderia prestar-se, pela magnificência do tempo e do ambiente, e pelo dramático do assunto, a um poeta trágico. Não a um dramaturgo simples.

Dá a «Salomé» de Vargas Vila ser o seu maior poema. Dá a «Salomé» de Wilde ser a sua maior tragédia.

Só quem leu as páginas poéticas dos Contos de Wilde poderá fazer um juízo do que é o fausto da poesia wildeana. Só quem conhece a mordacidade das linhas de «O fantasma de Cauterville» e do «Retrato de Donian Grey» sabe o que é o espírito renovador e irreverentemente paradoxal do grande génio irlandês.

Manuela Machado e Ersílio Cardoso legaram-nos, numa tradução corre ta as *amostras* dessas duas facetas tão dispares do génio tão complexo que foi Wilde: a lírica tragédia «SALOMÉ» e essa deliciosa e espirituosíssima «vontade» que é o «LEQUE DE LADY WINDERMERE». No que se refere à peça «Leque de Lady Windermere» já o público teve ocasião de por ela observar a que ponto se pode equilibrar, em tão alto nível, a beleza da forma e a observação graciosa de espírito.

Relativamente a «Salomé» basta que se observe este pormenor: a condensação duma peça tão complexa num só acto.

É necessário um poder realizador enorme, uma fluidez de dialogismo transcendente e uma concepção visional gigantesca, para realizar nestas condições, uma peça de tão alto quilate que a grande Sarah Bernhardt não hesitou em interpretar publicamente a «Dança dos Sete Vêus», e que a Inglaterra achou um drama tão contra o convencionalismo social, que se viu forçada a proibi-lo.

No prefácio, os editores, prometem-nos traduções doutras obras deste escritor. Que elas sejam cuidadas e que, apesar de tardias, não falseiem o estilo irónico e arte pessoalíssima desse espírito caprichoso e delicado, uma das maiores glórias britânicas, que foi Oscar O'Flahertie Wills Wilde.

JOSÉ CARDOSO PIRES